

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 80

Data: 9 de julho de 1982

Pg.: 19

Jari pede 'presença' do governo

Da sucursal de
BRASÍLIA

Para que o Projeto Jari deixe definitivamente de ser considerado, como o foi no passado, um enclave no território brasileiro, é necessária maior presença do governo federal nas áreas de assistência social e construção de habitações destinadas a fixar a população no local. Essa posição foi defendida, ontem, em Brasília, pelo presidente da Companhia do Jari, Sérgio Quintella, que esteve no gabinete do ministro do Interior, Mário Andreazza, para reivindicar a construção de uma vila com duas mil casas, com o apoio do Banco Nacional da Habitação.

Sérgio Quintella disse que existe grande rotatividade de mão-de-obra no projeto, que reúne hoje cerca de 18 mil pessoas que dele dependem diretamente. Para contornar essa situação, ele entende ser necessária a venda, aos funcionários, das cerca de duas mil casas pertencentes à companhia, o que seria feito por meio de financiamento do BNH. Com o dinheiro arrecadado, a firma se comprometeria a

construir o mesmo número de habitações do outro lado do rio Jari, onde se situa a cidade de Beiradão, já no território federal do Amapá, que é formada quase que inteiramente por palafitas, reunindo 12 mil pessoas. Esse projeto, que também já foi apresentado a Andreazza pelo governador do Amapá, Anibal Barcelos, criaria a cidade de Laranjal, e, segundo Quintella, teria como principal consequência a eliminação dos "bóias-frias", que passariam a residir de maneira permanente na região. O presidente da "holding" disse também que a companhia garante a recompra das casas se os funcionários desejarem abandonar o projeto.

Quintella esteve ainda com os ministros da Saúde, Waldir Arcoverde, e Hélio Beltrão, da Previdência Social, com os quais tratou também da necessidade de maior presença do governo federal na área do Jari. Na sua opinião, para que Monte Dourado seja efetivamente uma "cidade aberta", diferentemente do que acontecia à época em que o projeto pertencia ao empresário norte-americano Daniel Ludwig, é importante que os interesses econômicos ali existentes sejam diversificados

ao máximo. Ele citou especificamente a criação de búfalos, o comércio, e os serviços de maneira geral que deveriam, na sua opinião, ser conduzidos por interesses privados, distintos da Companhia do Jari. Com relação ao Estado e sua participação, o presidente usou o exemplo da organização policial, "porque se não fosse uma cidade aberta teríamos de contratar nossa própria polícia".

Outro ponto que veio a ser negociado por Quintella, em Brasília, foi a construção de uma estrada de 200 quilômetros, completando a ligação entre Monte Dourado e Macapá. Ele informou que um relatório, reunindo todas essas idéias foi entregue recentemente ao governo, e no seu ponto de vista as ações propostas são imprescindíveis "se se quer transformar a região num pólo de desenvolvimento".

ECONOMIA

Sérgio Quintella culpou a recessão mundial e as altas taxas de juros vigentes no mercado internacional pela dificuldade que a empresa vem encontrando para comercializar a celulose do Jari, cuja produção diária é de 750 toneladas. Não obs-

tante, ele acha que a situação econômica da empresa é boa e isso porque nosso ponto de partida foi um investimento de 300 milhões de dólares para a compra de uma fábrica que hoje custa por volta de 750 milhões de dólares, já que o preço base é de um milhão de dólares por tonelada/dia", afirmou.

A partir desse raciocínio, Sérgio Quintella concluiu que o retorno econômico já está configurado. Quanto ao retorno financeiro do empreendimento, o empresário acredita que isso poderá ocorrer em dois anos, quando espera haver um aumento dos preços internacionais da celulose que seria determinado por duas razões: a) inexistência de investimentos em produção de celulose, condicionada pelas altas taxas de juros; b) demanda crescente, o que o faz prever, para dentro de dois anos, a falta de celulose no mercado mundial.

De todo modo, Quintella acha difícil fazer previsões "com base em um mercado tão ruim para o produto" e revelou que, até 1980, o preço médio da tonelada de celulose girava em torno de 580 dólares, e que hoje se situa entre 450 a 480 dólares.